



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS**  
**FILOSOFIA**

**IZABEL DE MARIA DOS SANTOS CARNEIRO**

**SOBRE A VIOLÊNCIA DA COLONIZAÇÃO EM FRANTZ FANON: A  
DESCOLONIZAÇÃO COMO TÉCNICA DE SOBREVIVÊNCIA NEGRA**

**Palmas – TO**

**2021**

**IZABEL DE MARIA DOS SANTOS CARNEIRO**

**SOBRE A VIOLÊNCIA DA COLONIZAÇÃO EM FRANTZ FANON: A  
DESCOLONIZAÇÃO COMO TÉCNICA DE SOBREVIVÊNCIA NEGRA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas para a obtenção do título de licenciatura em Filosofia, sob orientação da Prof.(a) Me. Catherine Melo Alves.

**Palmas – TO**

**2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C289s Carneiro, Izabel de Maria dos Santos .  
Sobre a violência da colonização em Frantz Fanon: a  
descolonização como técnica de sobrevivência negra. / Izabel de  
Maria dos Santos Carneiro. – Palmas, TO, 2021.  
44 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2021.  
Orientadora : Catherine Melo Alves

1. Introdução. 2. Quem foi Frantz Fanon?. 3. Colonialismo como  
violência. 4. Desalienação e descolonização . I. Título

**CDD 100**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**IZABEL DE MARIA DOS SANTOS CARNEIRO**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**SOBRE A VIOLÊNCIA DA COLONIZAÇÃO EM FRANTZ FANON: A  
DESCOLONIZAÇÃO COMO TÉCNICA DE SOBREVIVÊNCIA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Graduado no Curso de Licenciatura  
em Filosofia, da Universidade Federal do  
Tocantins.

Data da Aprovação: 27 / 04 / 2021

*Catherinne Melo Alves*

Banca Examinadora:

---

Profa. Me. Catherine Melo Alves – Orientadora  
Universidade Federal do Tocantins – UFT

*Roberto P. Amaral*

---

Prof.Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral  
Universidade Federal do Tocantins – UFT

*Bernardes*

---

Profa. Dra. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes  
Universidade de Uberaba – Uniube

*Dedico esta monografia aos meus avós e pais, que pelo exemplo de coragem e simplicidade em suas metas, e com muita garra me ensinaram com atitudes e palavras, o caminho da justiça. Dedico aos meus irmãos e minha sobrinha Luara, que foram uma das fontes para as minhas inspirações, e a todos os meus colegas de curso e educadores que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.*

## AGRADECIMENTOS

A Santíssima Trindade e a Nossa Senhora, que me deram força, animo e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso, que me socorreram, dando-me serenidade e discernimento para perseverar.

Aos meus pais e irmãos, com eles compartilho a realização deste trabalho que é um dos momentos mais importantes da minha vida. A minha sobrinha Luara, que especialmente, na elaboração do meu projeto, me ouviu nos ensaios e me incentivou com verdade, carinho e amor. Muito obrigada, princesa da titia.

Ao meu noivo Igo Henrique, que muito me ajudou neste processo de ensino-aprendizagem com paciência, fidelidade, carinho e companheirismo.

Ao meu primo Lucas Ribeiro, que direta e indiretamente me ajudou a prosseguir nesse caminho acadêmico, e pelo simples fato de acreditar e confiar no poder construtor da educação.

As minhas irmãs de caminhada Gabriela, Luciana, Thainara e Regiany, que foram para mim consolo em muitos momentos, para que eu pudesse chegar até aqui.

A minha amiga Jessiane Chaves, que me acompanha e me incentiva desde o Ensino Médio.

A professora Me. Catherine Melo Alves, minha orientadora, por ter acreditado na possibilidade da realização deste trabalho, pelo seu incansável e permanente encorajamento, pela disponibilidade e sugestões que foram preciosas para a concretização desta monografia.

A todos dessa instituição (UFT) que muito me ajudaram a (re)existir. Meus colegas de classe que foram verdadeiramente companheiros, em especial as minhas amigas Sônia, Cilmará, Victória e Kamyla.

Aos meus professores, que trabalham com tanta dedicação e entusiasmo. Sou grata por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

*“A educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a “prática da liberdade”, e o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a violência da colonização em Frantz Fanon, e propor a descolonização como técnica de sobrevivência negra. O objetivo é demonstrar, o quanto as alienações coloniais são incorporadas pelo colono no colonizado, e como podemos sair desse processo de colonização que permeiam nossa vivência até os dias atuais, por meio da descolonização da mente, do pensamento. Utilizaremos duas obras de Frantz Fanon: *Pele negra, máscaras brancas* (1952), e, *Os condenados da terra* (1961). Veremos o quão necessário é conhecermos Fanon para compreendermos porque o racismo continua a se fortalecer em nossa sociedade, e como a descolonização da mente pode nos libertar do racismo e da alienação.

**Palavras-chaves:** negro, colonização, desalienação, descolonização.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to present the violence of colonization in Frantz Fanon, and to propose decolonization as a technique of black survival. The objective is to demonstrate, how much the colonial alienations are incorporated by the colonist in the colonized, and how we can get out of this colonization process that permeate our experience until today, through the decolonization of the mind, the thought. We will use two works by Frantz Fanon: *Black skin, white masks* (1952), and, *The condemned of the earth* (1961). We will see how necessary it is to get to know Fanon in order to understand why racism continues to strengthen in our society, and how decolonization of the mind can free us from racism and alienation.

**Keywords:** black, colonization, de-alienation, decolonization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 QUEM FOI FRANTZ FANON?</b> .....	12
1.1 Suas obras: O que disse Fanon? .....	13
<b>2 COLONIALISMO COMO VIOLÊNCIA</b> .....	15
2.1 Colono x colonizado: A violência como viés único de comunicação entre dois mundos .....	22
2.2 Quem é branco? Quem é negro? .....	26
<b>3 DESALIAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO</b> .....	28
3.1 Sobre a alienação do negro .....	29
3.2 Processo de desalienação do negro .....	31
3.3 Processo de descolonização do negro .....	33
3.4 Descolonização como técnica de sobrevivência negra .....	39
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar a violência da colonização de acordo com a perspectiva do filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, propondo a descolonização como técnica de sobrevivência negra.

O interesse em desenvolver este estudo nasceu a partir de uma afirmação feita pela professora Dra. Marília Mello Pisani, da UFABC, em uma palestra organizada pelo programa residência pedagógica na UFT em 2019, em que ela disse: “é tempo de criarmos técnicas para a sobrevivência negra!”, e o nome de Frantz Fanon estava presente em suas referências.

Observamos que Fanon trata a violência da colonização como algo que presidiu o desenvolvimento do mundo, e a partir de então, veio as indagações que se tornaram problemas de pesquisa: quais são as consequências da dominação colonial para a vivência do negro? Como devemos enfrentar as desigualdades diante dos efeitos da colonização? Como recusar o modelo de educação colonial?

A violência da colonização pode ser definida como a modificação da identidade do povo africano enquanto ser humano. De acordo com Fanon (1961), após a colonização há no mundo uma compartimentação que divide claramente quem é colonizador e quem é colonizado. A descolonização é necessária portanto, como uma técnica de sobrevivência do povo negro, e a conscientização é o viés primordial para que a descolonização aconteça com eficiência e praticabilidade.

A importância de se estudar esse tema é a sua grande relevância em nossa atualidade pelo fato de que, a violência do racismo causada pela violência da colonização não deixará de existir enquanto os rituais pedagógicos estiverem a favor do colono. É necessário falarmos sobre a colonização e a descolonização, pois, o modelo de “ser negro” que vemos nos ambientes sociais traz o título “o escravo”, feio, sujo, impuro, e outras características dadas pelo colono. Que éramos escravos, já sabemos. Queremos nos conscientizar do que éramos antes de sermos tratados como animais, e mais ainda, nos conscientizar de que não devemos ser escravos da escravidão de nossos pais.

Os escritos de Fanon são voltados para o entendimento sobre a história do processo de colonização dos países africanos e da diáspora negra nas américas, apresentando possíveis saídas desses sistemas à luz de teorias filosóficas e da psicologia num viés racial que traz consigo uma linguagem provocativa, que produz um aspecto pedagógico.

No primeiro capítulo, apresentamos quem foi Frantz Fanon, sua história, trajetória e suas duas principais obras: *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*. No segundo capítulo, apresentaremos o colonialismo como violência, expondo que essa pura violência se dá tanto através de instrumentos brutais para abater o corpo do colonizado, como também por meio de legislações que inferiorizam a existência do povo indígena. E por fim, no terceiro capítulo, manifestaremos a desalienação e a descolonização como um convite à ação.

Em suma, o desenvolvimento de uma revisão da literatura sobre o tema proposto, poderá contribuir em dar lugar a reflexões que pensam os problemas raciais que continuam latentes e patentes em nossa sociedade, uma vez que as revisões tem a função de possibilitar uma análise sobre um determinado assunto a partir de diferentes perspectivas. Portanto, o objetivo desse estudo é realizar uma revisão de literatura sobre a violência da colonização em Frantz Fanon, e a descolonização como técnica de sobrevivência do negro.

## 1 QUEM FOI FRANTZ FANON?

Franz Omar Fanon nasceu no seio de uma família de classe média em Fort-de-France, capital da Martinica, colônia francesa, em 1925, composta em sua grande parte por negros descendentes dos trabalhadores das antigas *plantations*<sup>1</sup> francesas. Nascido em uma família de funcionários públicos, fazia parte dos 4% de ilhéus privilegiados que tinham acesso ao Ensino Médio. Foi aluno do poeta e político da *Negritude* Aimé Césaire, em uma instituição exclusiva para negros com uma abordagem sistemática da cultura europeia em língua francesa. O restante da população era uma grande massa de trabalhadores negros semialfabetizados, com baixo domínio da língua francesa.

Fanon tinha 15 anos quando as coisas começaram a mudar significativamente em Martinica. Marinheiros brancos se refugiaram em Fort-de-France com a rendição da França ao poder alemão. Ou seja, França estava sob ocupação nazista quando começam as marcas de *racialização* de forma jamais vista pelo jovem Fanon. A ilha passara por um conflito de identidade, porém, a prioridade era lutar pela causa da França. Então, alistou-se no Exército Francês de Libertação - uma fração antinazista do exército francês.

No fim da guerra, regressou a Martinica, ajudando na campanha política de Césaire ao congresso. Retornou a França e cursou Psiquiatria em Lyon, e lá se aproximou de correntes filosóficas. Após dois anos de residência médica dirigiu-se para a Argélia, e em 1953 passou a chefiar os serviços do Hospital Psiquiátrico Blida-Joinville. Neste hospital, Fanon radicaliza seu método de tratamento, ponderando uma prática psiquiatra que buscava conectar o paciente com seu passado cultural. Em 1954 com a revolução argelina, Fanon aderiu a FNL (Frente de Libertação Nacional), com isso, foi expulso da Argélia em 1957 viajando para Tunísia, onde continuou o trabalho de resistência e denúncia dos males do colonialismo francês, publicando vários artigos e livros. Fanon morre em 6 de dezembro de 1961 aos 36 anos, nos Estados Unidos, enquanto tratava-se de Leucemia.

---

<sup>1</sup> Propriedades monoculturas e agroindustriais, que grandes mercadores se aproveitavam de mão escrava.

### 1.1 Suas obras: O que disse Fanon?

No início do livro *Pele Negra, máscaras brancas* (1952), Fanon sustenta que deseja atentar-se as questões do seu tempo presente, visando a região linguística descontínua e que corresponde à comunidade que envolve todas as pessoas que têm em comum a língua francesa, porém, tratando-se de análises da discrepância das relações entre diferentes grupos humanos marcados principalmente pela questão racial. A teoria de Fanon nos mostra que, qualquer projeto nacional dissociado do enfrentamento do racismo, não se sustenta. Contudo, a técnica de sobrevivência negra, visa de modo primordial, a desalienação do negro em sua língua, seu mundo, sua cultura, com discernimento.

Sendo nosso propósito a desalienação dos negros, gostaríamos que eles sentissem que, toda vez que há incompreensão entre eles diante do branco, há ausência de discernimento. Um senegalês aprende crioulo a fim de passar por antilhano: digo que há alienação. Os antilhanos que o percebem multiplicam suas gozações: digo que há ausência de discernimento (FANON, 1952, p. 45).

Apesar do rígido acordo entre exclusões raciais e de classes sociais, ambos se sentem parte daquele que o colonizara, como os Antilhanos se sentiam parte dos franceses. Ou seja, o preto que adota subjetivamente a atitude daquele que o explora é um alienado dependente deste que o coloniza. Conforme Fanon (1952), a alienação consiste na perda objetiva de si da capacidade de autodeterminação, no entanto, alienação do negro não é só uma questão individual.

Na obra *Os Condenados da Terra* (1961), Fanon pensa a descolonização como obra própria do colonizado, ou seja, a libertação deve ser conquistada pelo colonizado, e não “dada” pelo colonizador. A teoria da descolonização de Fanon, revela um necessário protagonismo do colonizado no processo de desalienação e descolonização. Uma das principais denúncias que Fanon faz nesta obra, se refere ao processo de colonização que a Europa moldou como sendo uma maneira de civilizar o mundo, mas, era na verdade uma maneira de tornar a violência a língua universal, nisto o filósofo diz que é necessária uma resposta à altura, e por isso, “a descolonização é sempre um fenômeno violento” (FANON, 1961, p.51), pois, é preciso que o corpo se revolte contra as imposições.

Para Fanon, o processo de descolonização não passa despercebido, pois, a descolonização transforma e modifica o ser. E essa é a grande importância de trazer a filosofia de Fanon para discutirmos atualmente, de modo claro e específico, pois “a descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos” (FANON, 1961, p.53)

Fanon foi um autor atento ao seu tempo, e apesar de se preocupar com os riscos futuros do povo preto se tornar escravo da escravidão do colonialismo, ele não arrisca previsões futuras, pelo contrário, ele intima o preto a buscar sua própria liberdade diante do seu tempo presente.

Contudo, pretendemos demonstrar a importância de chegar até nós, o pensamento político-social, as teorias filosóficas, os estudos culturais, de filósofos negros, especificamente Fanon, para que precisamente ocorra a necessária desalienação, e acima de tudo, a descolonização, como proposta de técnica de sobrevivência negra. E fazer ser conhecido a fundamental contribuição de Fanon para o debate sobre a presença do pensamento negro e sua resistência política e intelectual na sociedade contemporânea.

## 2. COLONIALISMO COMO VIOLÊNCIA

Neste capítulo, decorre-se a colonização e seu processo de negação da dignidade humana que simboliza um imenso espaço - tempo de sofrimento e opressão que tem início no século XV com as feitorias<sup>2</sup> portuguesas e estende-se até a metade do século XX quando começa a surgir os conflitos pela descolonização dos países africanos. Enfatizando o colonizador como aquele que apresenta a cultura europeia como sendo, ideologicamente, a verdadeira e única expressão universal de civilização que simboliza o triunfo e desenvolvimento da razão nos domínios constitucional, administrativo e político, e também nas esferas moral, religiosa e institucional. Este capítulo pretende, portanto, contribuir a partir de uma perspectiva crítica, para a compreensão do conceito de colonialismo.

De acordo com Quijano (2005) o processo de culminação do colonialismo se inicia com a instituição da América, e do capitalismo colonial e eurocêntrico como o novo modelo de poder mundial. E para que este pudesse se estabelecer de modo duradouro e eficaz, houve duas questões principais: a classificação social dos humanos de acordo a ideia de *raça*, e a construção mental que manifesta a experiência da dominação colonial.

A codificação das diferenças entre colonizador e colonizado se dá pela ideia de *raça*. Essas diferenças em primeiro momento equivalem a supostas estruturas biológicas entre eles. Assim, a formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produz primeiramente na América, identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços. Desde cedo, diferenças raciais foram estabelecidas como viés classificatório na construção do novo mundo eurocêntrico.

Tenhamos em mente dois pontos primordiais para falarmos sobre colonização. Primeiro, as sociedades que os europeus encontraram em África eram fortemente diversificadas. Segundo, a categoria “europeu” era formada por uma multiplicidade de atuantes, entre colonos, missionários católicos,

---

<sup>2</sup> As feitorias portuguesas foram entrepostos comerciais, geralmente fortificados e instalados em zonas costeiras, que os portugueses construíram para centralizar e, assim, dominar o comércio dos produtos locais para o reino, e do reino para a Europa.

comerciantes e militares, e todos eles pertenciam a impérios coloniais desiguais entre si.

Enquanto a ideia de que o europeu era o “civilizado”, “moderno”, “assimilado” se consolidava no processo da nova hierarquização, a África se consolidava como o “outro”. Aqui, não se trata de compartimentar dois continentes, e sim duas classes de pessoas: colonizadores e colonizados, europeus e africanos.

No século XV, com o pioneirismo português, se iniciaram as navegações marítimas com o desejo de chegar ao oriente dando a volta em toda a costa africana. E assim, foram construindo seus postos comerciais no litoral da África, pois, encontraram ali uma rica fonte de renda para também financiar suas expansões.

Neste primeiro momento, o processo de colonização é caracterizado pela busca do crescimento da economia; de mercadorias tropicais comercializáveis de produtos alimentícios; de metais preciosos para aliviar a falta de moedas e o alto preço daqueles metais; pela venda de produtos manufaturados das metrópoles; e a difusão dos ensinamentos cristãos.

Posteriormente, outros reinos da Europa se lançaram em busca de riquezas e empreenderam em navegações e explorações que resultaram na abertura de novas rotas comerciais e no estabelecimento de intercâmbios com outros povos, com o objetivo de estabelecer relações mercantis nas Índias. Iniciando então, o processo de transformar o homem africano em objeto/mercadoria/moeda, que se perdura durante séculos.

[...] entre 1620 e 1640, as formas de servidão mantiveram-se, particularmente nos Estados Unidos, relativamente indefinidas. O trabalho livre coexistia com a servidão temporária (que é uma forma de sujeição transitória de duração limitada) e a escravidão (hereditária ou não). No seio do colonato, havia profundas divisões de classe, opondo também o colonato à massa de cativos. Estes, no entanto, formavam uma classe multirracial. Foi entre 1630 e 1680 que se deu a bifurcação. É na verdade dessa época data o nascimento da sociedade do *plantation*. O princípio de servidão perpétua de pessoas de origem africana, estigmatizadas pela sua cor, tornou-se progressivamente a regra. Os africanos e sua progenitura tornaram-se escravos perpétuos. As distinções entre servos brancos e escravos negros afirmaram-se de forma clara. A plantação transformou-se gradualmente numa instituição econômica, disciplinada e punitiva. Os negros e seus descendentes podiam, dali em diante, ser comprados para sempre (MBEMBE, 2018, p.44).

Em primeiro lugar, no século XVII, um trabalho legislativo produz sujeitos raciais no continente americano e a partir do século XIX, as classes colonizador e colonizado foram cuidadosamente/oficialmente fabricadas. O sistema colonial nesse momento, desenvolve uma constituição de identidade que diferencia, em termos de direitos e deveres, os europeus dos “outros”.

Esse novo processo de colonização estabelecido com destaque após a Conferência de Berlim,<sup>3</sup> que transforma a pessoa africana em mercadoria comercializável, que é movido pela ambição de ocupar terras do rico continente africano, que se mostra como projeto econômico colonial que potencializará a economia europeia, que transforma o “outro” em força bruta a explorar, caracteriza-se principalmente: pela busca de fontes de energia e matérias-primas para a indústria; pela conquista de novos mercados para a venda dos produtos industrializados; pelas ideologias, como a “missão civilizadora” de difundir o progresso da ciência e da tecnologia pelo mundo; e principalmente, pela busca de espaços para investir capitais e, assim, conseguir mais lucro.

Segundo Mbembe (2018), a colonização investida pelos europeus fora do continente europeu, foi uma forma de poder constituinte, cuja relação com o solo, com as populações e com o território, associou, de maneira nova na história da humanidade, a lógica da raça, da burocracia e dos negócios. Conforme o sistema colonial se estabelecia no mundo, a raça classificava os seres humanos em categorias distintas, a burocracia servia como dispositivo de dominação, e o laço que ligava a morte e os negócios operava como fonte do poder. E a violência constitui-se o método que liga o colono do colonizado.

O trabalho se estabelece como mecanismo para “educar” o africano. Assim tornou-se conhecido o conceito “indígena”. Em 1914, numa das peças legais aprovadas em Moçambique, o indígena (artigo 14.º), é definido não só como o “filho de pai e mãe pertencentes às raças nativas de África, mas também os que tendo caracteres físicos dessas raças não possam provar descendência diferente”. A inferiorização do africano ficaria consagrada com a aprovação do Estatuto do Indigenato (1926).

---

<sup>3</sup> A **Conferência de Berlim** aconteceu entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885 e delimitou regras e acordos durante a ocupação do continente africano pelas potências europeias. Conhecido também como **partilha da África**, esse evento oficializou o **neocolonialismo** que resultou na extensa exploração econômica de colônias africanas pelos países europeus.

A partir de então, a inferioridade jurídica do indígena estava estabelecida sem complacência, consagrando-se o seu estatuto de não-cidadão. De acordo com Meneses (2018), o trabalho escravo do colonizado é apresentado pelo sistema colonial, como o caminho para se transformar o indígena em cidadão. Os colonizados tinham um longo caminho para alcançar este direito. Desse modo, o africano é violentamente obrigado, a ceder tudo o que tinha produzido social e historicamente, para se acercar ao mundo do colonizador, e se não prosseguir assim, não há chances de ter sua humanidade reconhecida.

No caso africano, a construção de África vazia de saberes, inspirada nas reflexões filosóficas de Hegel, constitui -se na ideologia efetiva do domínio colonial: “é o continente em que [...] o princípio do atraso cultural predomina. [...] Em África propriamente dita, o homem não progrediu além de uma existência meramente sensual, e foi incapaz de se desenvolver mais” (Hegel, 1975 [1837]: 172 -173). Adiantando a ocupação epistêmica e política do continente africano simbolizada na Conferência de Berlim, Hegel desagrega África da história do mundo, assegurando que neste continente “não existe nenhum arbítrio ou estado cujo desenvolvimento possa ser seguido; não encontramos subjetividades, apenas uma série de sujeitos que se destroem a si próprios” (*ibidem*: 176). É justamente a natureza abstrata do universalismo eurocêntrico, associada a uma visão progressista e linear da história que torna o colonialismo compatível com o projeto político do império (MENESES, 2018, p. 124).

A questão da tomada das terras africanas pelos europeus, é uma questão de saber se o “outro”, o selvagem, é mesmo um ser humano da mesma forma que eles são, desenvolvidos, civilizados. Afirma-se, portanto, que aqueles nativos são, na verdade, selvagens estrangeiros à condição humana. Pois, como afirma Mbembe, a ordem colonial se baseava na ideia de que a humanidade poderia ser dividida em subespécies diferentes e classificadas hierarquicamente. Com isso, os nativos habitavam em uma zona fora da humanidade, fora do espaço onde o direito dos homens civilizados pode ser exercido. Nas palavras de Mbembe:

Do “bom direito” da guerra, nascia o “bom direito” de propriedade. “O estado que efetuava uma tomada de terra” prossegue Schmitt, “pode tratar a terra colonial tomada, no que se refere a propriedade privada, ao *dominium*, como sem senhor, do mesmo modo que, no plano de direito das gentes, a terra não tem senhor do ponto de vista do *imperium*. Ele pode eliminar os direitos dos nativos ao solo e declarar-se único proprietário de todo o solo; pode assumir os direitos dos chefes nativos de dar-lhes continuidade, pouco importando se isso representa uma genuína sucessão jurídica ou não; pode criar propriedade privada do Estado e combiná-la com algum tipo de reconhecimento de direitos de uso pelos nativos; pode introduzir propriedade fiduciária pública de Estado; também pode manter vigentes os direitos de uso pelos nativos e recobri-los com uma espécie

de *dominium eminens*. Todas essas diferentes possibilidades se tornaram reais na prática da tomada de terra colonial nos séculos XIX e XX (MBEMBE, 2018, p.115).

A ideia das diferenças raciais foi normalizada e agregada à lógica do lucro, e nunca será demais enfatizar este fato. Os europeus dividiram entre si terras africanas para “plantar o estandarte da “civilização” entre as raças inferiores e selvagens e penetrar as trevas que as envolvem” (MBEMBE, 2018, p.122). Não se deve deixar cair ao esquecimento a intervenção colonial do século XIX justificada, como simbolizando um “fardo do homem branco”<sup>4</sup> para alegar moralmente a expansão colonial e seu projeto de civilizar o africano.

E a ideia de civilizar o suposto mundo dos selvagens, “apoiou-se particularmente numa psicoantropologia cuja função era a classificação racial do gênero humano, classificação esta sustentada pelas teorias da desigualdade entre raças, e em menor medida, pela validação de práticas eugenistas” (MBEMBE, 2018, p.117). O processo de inferiorização efetuada na colonização, foi cuidadosamente realizada para privilegiar e enaltecer a etnia racial dominante. Os privilégios que o homem branco desfruta, são produtos da violência praticada no processo da colonização.

A racialização da servidão, especialmente nos Estados Unidos, levou os brancos, e sobretudo, os brancos pobres, prestadores de toda espécie de serviços, a se distinguirem o mais que pudessem dos africanos, reduzidos ao estatuto de escravos. Os homens livres receavam que o muro que os separava dos escravos não fosse estanque o bastante. Em dado momento, o hemisfério todo teve ocasião de testemunhar a emergência dos homens livres de cor[...] (MBEMBE, 2018, p.46).

De acordo com Césaire (1955) a distância entre colonização e civilização é infinita, pois, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos e tratados coloniais elaborados, de todo o esforço em propagar a cultura europeia, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar em um só valor humano. De certo, a colonização se esmera em descivilizar o colonizador, em embrutecê-lo, em degradá-lo, em despertá-lo para a violência, para o ódio racial e para o relativismo moral.

---

<sup>4</sup> expressão popularizada pelo poema de Rudyard Kipling (1899).

Segundo Mbembe (2018) a colonização foi uma forma de assistência, de educação e de tratamento moral dessa idiotia<sup>5</sup> do africano, além de um antídoto para o espírito de brutalidade e para o funcionamento anárquico das “tribos nativas”. Segundo ele, por esse ponto de vista, a colonização representava uma benção da civilização. Ou seja, o colono não era um senhor cruel e ávido, mas sim guias, protetores e educadores, que “salvaria”, por meio da violência, o africano de sua “selvageria nata”.

Durante todo o processo de colonização, de acordo com a História, a violência sempre esteve presente, em todos os sentidos e meios possíveis, no entanto, essa barbárie é passada a diante, muitas vezes, como um conto, uma fábula, ou como um breve acontecimento distante da realidade atual, ou até mesmo, como uma vitória dos europeus, digna de aplausos de todo o mundo, fazendo-os heróis por salvar o povo africano de sua “idiotia infantil”<sup>6</sup> e de seu modo de vida selvagem e incivilizada.

[...]O primeiro é um projeto de colonização, que tem uma dimensão racista, na medida em que, conduzido em grande parte pela American Colonization Society, propõe que os Estados Unidos se livrem da sua população negra, deportando-os para a África (MBEMBE, 2018, p.59).

Ainda em tempos atuais, podemos ver claramente vestígios em grande movimento, deixados pelo sistema colonial, isso por conta da grande violência investida nos africanos por tantos anos. De certo, a escravidão em África já acontecia entre os próprios nativos antes da chegada dos europeus, entretanto, a escravidão se tornou um negócio altamente lucrativo na colonização e neocolonização realizada pelos europeus, que modificou até as fronteiras de todo o continente africano, destruindo assim, inúmeras etnias.

Podemos dizer, que a neocolonização dos europeus em África, é uma expressão da soberania, que residia no poder e na capacitação de ditar em massa quem pode viver, e quem deve morrer, dando assim vigor a uma necropolítica.<sup>7</sup> É preciso destacarmos que a violência da colonização tem início

---

<sup>5</sup> “[...] o africano é apresentado não apenas como uma criança, mas como uma criança idiota, presa de um punhado de régulos, potentados cruéis e implacáveis. Essa idiotia seria consequência de um defeito congênito da raça negra.” (MBEMBE, Achille, 2018, p.121).

<sup>6</sup> Ibid., 121.

<sup>7</sup> necropolítica é um termo usado por Mbembe em seu livro *Necropolítica* (2018), que é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável, mas não a todos os corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça.

no século XV com a exploração comercial na costa do continente africano, ali começa a servidão do homem, não-branco. E mais, a colonização é, acima de tudo, uma luta competitiva entre as potências europeias pelo poder político, ideológico, e principalmente, econômico.

Pensar o conceito de colonização é ouvir o grito silenciado do “outro” que obrigatoriamente participou de um chamado processo de “civilização”. Os sujeitos raciais foram cuidadosamente fabricados ao longo da era moderna. É preciso evidenciar o significado histórico de colonialismo, torná-lo verdadeiramente público e acessível a todos, em todos os lugares. É necessário principalmente, deixar bem claro, o que não é colonialismo. Nas palavras de Césaire:

Equivale a dizer que o fundamental, aqui, é ver claro, pensar claro – entenda-se, perigosamente -, responder claro à inocente questão inicial: o que é, no seu princípio, a colonização? Concordemos que ela não é; nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de Deus, nem extensão do Direito; admitamos, uma vez por todas, sem vontade de fugir às consequências, que o gesto decisivo, aqui, é o do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e do mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projetada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a alargar à escala mundial a concorrência das suas economias antagônicas (CÉSAIRE, 1955, p.14).

Conforme Fanon (1961), a violência do sistema colonial deu ritmo a destruição das formas sociais formadas pelo africano em seu próprio continente e derrubou seus modos de governo e seu sistema econômico, abatidos, os colonizados anularam até mesmo os modos de se apresentarem entre si. Segundo Mbembe (2018), a raça é ao mesmo tempo ideológica e tecnologia de governo. Desse modo, “o racismo prevê um alto grau de baixa e estupidez” (MBEMBE, 2018, p.75).

Isto é um fato, o sistema colonial desvalorizou a ponto de reduzir a nada, uma realidade humana de todo um continente. Como realizara isso se não por meio do uso extremo da violência em todas as suas esferas possíveis? Como deixar cair na obscuridade este fato? Como não gritar em alto e bom som o que aconteceu com o povo africano, para que essa barbárie não mais seja desprezada como se fosse um conto apresentado apenas dia 20 de novembro? É preciso ouvir o que os intelectuais colonizados disseram, é preciso tornar

acessível a verdade dos colonizados que saíram da caverna da colonização e desejaram a luz da desalienação, da descolonização. E o primeiro passo para conscientizar-se disso, é revoltar-se. Como disse Mbembe:

E, se há algo que desde sempre assombra a modernidade, é [...] “a revolta dos escravos”, que assinalaria não apenas a libertação dos subjugados, mas também uma reformulação radical, [...] das bases de reprodução da própria vida (MBEMBE, 2018, p.77).

## **2.1 Colono x colonizado: A violência como viés único de comunicação entre dois mundos**

De acordo com Fanon, o primeiro confronto das forças que se chocam entre colono e colonizado, se desenrola sob o signo da violência e sua coabitação, mais precisamente quando inicia o processo de exploração do colonizado pelo colono, que conseguiu graças aos canhões e baionetas. Assim, o colono fez e continua fazendo o colonizado. Eles são velhos conhecidos. Sendo o mundo colonial compartimentado em dois, existem cidades europeias e cidades indígenas, existem escolas para europeus e escolas para indígenas.

E as “relações de comunicação” entre esses dois mundos, estão intimamente ligadas a uma linguagem de pura violência, e o intermediário leva a violência ao cérebro dos colonizados e conseqüentemente, para suas casas, para suas relações, para os ambientes onde habitam. Nas próprias palavras de Frantz Fanon:

O mundo colonizado é um mundo cortado de dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino, religioso ou leigo, a formatação de reflexos morais transmissíveis de pai para filho, a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado à harmonia e à sabedoria, essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que alivia consideravelmente a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientados”. Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantem o contato com o colonizado e lhe aconselham, com coronhadas ou napalm, que fique quieto (FANON, 1961, p.54).

A cidade do colonizado, não é habitada pelo colono e vice-versa. A cidade do colono, é uma cidade de brancos, e a do colonizado, de pretos. Nas colônias, o sistema econômico também é superestruturado, e a causa é: “alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico” (FANON, 1961, p.56). Acreditava-se que, o servo é de uma essência diferente da do seu senhor. Segundo Mbembe (2018) ser escravo era não ter futuro por si só, seu futuro era necessariamente delegado pelo colonizador como uma dádiva a alforria, e o que caracteriza essa relação entre colono e colonizado era exatamente o monopólio que o colonizador pretendia ter sobre o futuro.

A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. Os pés do colono nunca se mostram, exceto talvez no mar, mas nunca se está bastante próximo deles. Pés protegidos por sapatos fortes, enquanto as ruas da sua cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem pedriscos. A cidade do colono é uma cidade empanturrada, preguiçosa, seu ventre está sempre cheio de coisas boas. [...] A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. Uma cidade do colonizado a uma cidade agachada, uma cidade de joelhos, uma cidade prostrada. [...] O colonizado é um invejoso. O Colono não ignora isso e, surpreendendo o seu olhar vago, constata amargamente e sempre em alarme: "Eles querem o nosso lugar." É verdade, não há um colonizado que não sonhe, ao menos uma vez por dia, instalar-se no lugar do colono (FANON, 1961, p.55).

Embora exista uma cidade onde habitem os colonizados, “o indígena não é declarado impermeável à ética” (FANON, 1961, p.58). Em sua sociedade, não há valores. É bom para o sistema colonial que na colônia exista fermentos de alienação para que a missão cristã se estabeleça com suas regras no meio dos colonizados. Era preciso ter uma Igreja de brancos na colônia, não para seguir o caminho de Deus, mas sim para seguir o homem branco. Esse maniqueísmo, segue a lógica da desumanização do colonizado, “na verdade, ele o animaliza” (FANON, 1961, p.59).

Mas, o colonizado sabe que não é um animal. Segundo Fanon (1961) quando um colonizado, que conhece o projeto do colono, se percebe como um animal nas palavras do colono, ele dá uma risada. Assim, começa a afiar suas armas e aos poucos (re)descobre a sua humanidade. E assim vai ele, se

aproximando cada vez mais da cultura violenta e “superior” do branco. Aos poucos essa compreensão do colonizado vai se firmando e se tornando em resistência, o que inquieta o colono.

O colono por sua vez, passa a expor as riquezas dos valores ocidentais como porta para liberdade, no entanto, sempre que o colonizado ouve “valores ocidentais”, produz-se nele uma espécie de “tetania muscular,”<sup>8</sup> e começa a surgir indícios de desalienação. Nesse novo processo, o de desalienação, alguns fazem apelos à razão dos colonizados, até propõe-lhes valores seguros, sólidos, pois a desalienação não deveria ser de regressão. De acordo com Fanon (1961), é nesse momento que o colonizado verifica se seu machado está perto de sua mão.

A violência com a qual se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa contrapartida, o colonizado tinha um riso irônico quando se evocam diante dele esses valores (FANON, 1961, p.60).

Conforme Césaire (1955), entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, para intimidação, pressão, desprezo, desconfiança, arrogância e violência. Entre essas duas classes não há nenhum contato humano, mas sim relações de dominação e de submissão que transforma o homem colonizador em chicote e o homem indígena em instrumento de produção.

O imperialismo com sua ordem colonial, por meio da violência, destrói sociedades já construídas e sistematizadas do continente africano. Como afirma Césaire (1955), colonização e coisificação são sinônimas. A violência do sistema colonial, reduziu o africano em três condições: colonizado, escravo e *apartheid*.<sup>9</sup> “O colonialismo não se compreende sem a possibilidade de torturar, de violar ou de massacrar. A tortura é uma modalidade das relações ocupante-ocupado” (FANON, Frantz. Em defesa da revolução africana, p.73). O colonialismo é em

---

<sup>8</sup> FRANTZ Fanon. Os condenados da Terra, p.60. (tetania muscular é um sintoma de alterações bioquímicas e nada tem a ver com o tétano, que é uma infecção. A causa usual da **tetania** é a deficiência de sais de cálcio, mas também o excesso de fosfato, com desproporção cálcio/fosfato que pode desencadear espasmos musculares).

<sup>9</sup> O *Apartheid* foi um regime de separação racial ocorrido na África do Sul de 1948 a 1994 que privilegiava a elite branca do país e excluía os negros dos espaços públicos, da educação e postos de trabalho.

sua essência, violência em estado bruto, que desconfigura o colonizado a ponto de fazê-lo negar futuramente, seus traços.

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. Lançam-me à cara fatos, estatísticas, quilometragens de estradas, de canais, de caminhos de ferro. Mas falo de milhares de homens sacrificados no Congo-Oceano. Falo dos que, no momento em que escrevo, cavam à mão o porto de Abidjan. Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à dança, à sabedoria. Falo de milhões de homens a quem inculcarem sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o temor, a genuflexão, o desespero, o servilismo. Lançam-me em cheio aos olhos toneladas de algodão ou de cacau exportado, hectares de oliveiras ou de vinhas plantadas. Mas eu falo de *economias* naturais, de *economias* harmoniosas e viáveis, de *economias* adaptadas à condição do homem indígena desorganizadas, de culturas de subsistência destruídas, de subalimentação instalada, de desenvolvimento agrícola orientado unicamente para benefício das metrópoles, de rapinas de produtos, de rapinas de matérias-primas[...] Falam-me de civilização, eu falo de proletariado e de mistificação (CÉSAIRE, 1955, p.25).

De acordo com Fanon (1961), existe uma cumplicidade entre o capitalismo e as forças violentas que irromperam territórios coloniais e além disso, o colonizado não está sozinho com o opressor, pois existe uma certa presença da política dos países e povos progressistas, e principalmente a guerra entre os grupos financeiros.

Devemos considerar que em nossa sociedade atual, ainda não se verificou uma verdadeira desalienação, descolonização das massas. Nisso consiste a problematização de Frantz Fanon. É preciso que a classe oprimida tome consciência e também uma atitude prática – crítica – política para que a descolonização aconteça nos corpos colonizados.

Em suma, a luta pela descolonização é uma luta pela libertação. Em seus escritos, Fanon nos diz com rigor que, o processo de colonização que os europeus constituíram no mundo como sendo o modo de civilizar os homens, na verdade tinha uma outra proposta, tornar a violência a língua universal. A linguagem da violência que colono e colonizado utilizam, vicia, e esse vício é o que faz com que o corpo se revolte. Entre esses dois, colono e colonizado, “não há conduta de verdade, e o bem é simplesmente tudo aquilo que faz mal ao povo colonizado” (FANON, 1961, p. 67).

## 22 Quem é branco? Quem é negro?

O branco que vem da parte mais civilizada do mundo, do ocidente, era o único capaz de criar o direito dos homens, e somente ele decidia onde exercer esse direito. O negro era o indígena selvagem, essa era sua característica. O homem negro ao se encontrar com o homem branco, passou a ser um não-humano, pois, apenas o branco era o ser dotado de direitos políticos e civis, só ele sabia como agir de acordo com a ética e interesses humanos. Portanto, o homem branco era o único capaz de civilizar o mundo, pois ele edificou uma nação desenvolvida e diplomada. O resto era vazio, desprovido de humanidade. Para reparar esse vazio, de acordo com o sistema colonial, a violência foi moralmente necessária.

É preciso ressaltar que, conforme Fanon (1961), o projeto de civilização europeu e seus representantes, são os responsáveis pelo racismo colonial, e o povo negro se tornou o mais inferiorizado em relação ao processo de superiorização europeia. É o europeu que faz o negro, é o racista que faz o inferiorizado, assim como é o “anti-semita que faz o judeu.”<sup>10</sup> Ainda não saímos definitivamente do regime do comércio negreiro e da colônia de *plantation*. A noção de raça negra, ainda em dias atuais, representa inferioridade.

O processo de inferiorização das raças não-europeias foi historicamente conceituada também como uma inferiorização econômica. No entanto, sabemos que o problema da colonização comporta um sistema de aventureiros, políticos, “representantes mais qualificados”, aqueles que estão acima da massa. Precisamos ter coragem e esclarecer tudo isso. Levar ao esclarecimento que “os pioneiros da civilização” classificaram, por meio da raça, quem era e não era humano, quem pode ter bens e quem não deve ter nada.

Para Mbembe (2018), só é possível falar de raça (ou de racismo) numa linguagem fatalmente imperfeita, dúbia, até mesmo inadequada. Para ele, a raça é um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbação do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes.

---

<sup>10</sup> FANON, 1961, p.90 apud SARTRE, 1954, p.32.

De acordo com Fanon, na América, chicoteiam os negros, na África Ocidental, o negro é um animal. Em geral, o negro foi colocado diante do dilema: branquear ou desaparecer:

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...] então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade (FANON, 1952, p.94).

Mbembe (2018) também concorda que o sistema de *plantation* e as colônias foram fábricas, por excelência, da raça e do racismo. O negro enquanto escravo é uma figura que exprime tanto a perturbação-fardo, como o lucro. Marcado pelo ferro da alienação, o negro representa:

uma espécie de pó da terra, situado no ponto de confluência de uma multiplicidade de meios mundos reproduzidos pela dupla violência da raça e do capital[...] Operando do fundo dos porões, foram os primeiros fogueiros a alimentar as fornalhas da nossa modernidade” (MBEMBE, 2018, p.77).

O homem branco é, em vários aspectos, “uma fantasia da imaginação europeia que o Ocidente se esforçou para naturalizar e universalizar” (MBEMBE, 2018, p. 88). Ou seja, branco, negro, mestiço, índio, são categorias que remetem somente a um vazio, em seu sentido específico.

Segundo Mbembe (2018), essas qualificações foram construídas, fabricadas e determinadas pelo colono na manifestação de sua força nos genocídios do novo mundo, no tráfico de escravos, nas conquistas coloniais na África, no *apartheid*, e em outras atuações dos colonizadores que construíam essa violência estrutural, para privilegiar o colono, no que diz respeito a recursos de vida, atributos da cidadania, e outros privilégios, numa escala planetária, tudo isso conferem à uma fantasia do europeu.

Enfim, o branco determinou que, com a ideia racial em vigor, a vida do negro podia ser desperdiçada ou dispensada sem reservas. Enquanto instrumento, a raça é o que determina quem sacrifica e quem é sacrificado. E o colonialismo “é a violência em estado natural, e só pode inclina-se diante de uma violência maior” (FANON, 1961, p.79).

### 3. DESALIAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO

Neste capítulo destacaremos, como Fanon ressalta o racismo como modo de ver e estar no mundo. Os negros pensam em si mesmos em termos raciais, e para compreender isso, o autor propõe uma análise da linguagem. Frisaremos também, como se inicia o processo de desalienação e descolonização no/do negro, pois, ele se reconhece como homem, mas agora, como homem negro.

Para Fanon, falar uma língua/idioma é assumir sua cultura, seu mundo, suas interpretações, ou seja, o homem negro se aproximará mais do homem “verdadeiro”, na medida em que assume a língua do homem branco, no entanto, na realidade não é bem assim. E para resolver esse problema, é necessário que aconteça a desalienação, para que em seguida aconteça a descolonização do negro. É importante ressaltar que, daqui em diante, não mais falaremos do negro enquanto “selvagem”, insociável.

Para Fanon (1961), o colono cria o colonizado, sistematicamente, tornando a violência a linguagem universal entre oprimido e opressor. Com efeito, essa linguagem universal que grita em alto e bom som os seus valores, tão nobres, tão burgueses, tão brancos, é a linguagem que faz a história, a história da metrópole, a história do novo mundo, a história do colono. O colono faz com que a única maneira de ser humano seja ser branco. Existe também um interlocutor institucional e legítimo do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão, que é o policial ou o soldado. Este interlocutor, que mantém sempre que deve, contato direto com o colonizado, o aconselha que não tenha movimentos bruscos. Sem movimentos bruscos, o negro preserva sua existência.

Ao homem negro moderno, é oferecido a seguinte proposta: rejeite sua negrura, assim, cada vez mais branco serás. Então, o homem negro anseia alcançar a metrópole, pois, “o negro que conhece a metrópole é um semideus” (FANON, 1952, p.35) e quando retorna a sua colônia, volta cheio de si, como que se estivesse encontrado aquilo que lhe faltava na vida. Alienado.

Para Fanon (1961), o branco e o negro são duas metafísicas destrutivas. Aquele que adora o negro é tão “doente” quanto aquele que o abomina, e aquele que quer “embranquecer-se” é tão infeliz quanto aquele que odeia o branco.

Trata -se, portanto, de libertar o homem de sua brancura ou negrura. É evidente que a desalienação consiste numa verdadeira tomada de consciência das realidades sociais e suas histórias. E assim que a desalienação acontece, o negro inicia sua luta pela libertação, luta árdua, pois, de acordo com a sociedade, na trajetória do negro, há apenas um destino, e esse destino é branco.

A proposta de Fanon é libertar o negro do “arsenal” de complexos desabrochados no seio do colonialismo, “liberar o homem de cor de si próprio” (FANON, 1952, p.26), e descobrir as posições do negro diante de uma sociedade constitucionalmente branca. Em sua explicação filosófica do *existir* negro, o autor mostra o negro diante sua raça reconhecendo que a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial.

### 3.1 Sobre a alienação do negro

De acordo com Fanon (1952), é preciso que o negro tome consciência de si para abrir mão de sobreviver em uma sociedade que o animaliza. Conforme Faustino (2018), isso é um convite à ação, um convite à desalienação. Enquanto isso não acontece, o negro é “incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente o aprisiona” (FANON, 1952, p.106) e se distancia para longe, para longe de si mesmo, compondo-se como objeto. E a sociedade não permite o homem negro esquecer: de um homem exige-se uma conduta de homem, e de um homem negro, uma conduta de homem negro.

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que uma sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 1952, p.95).

Assim, para aventurar-se na cultura do opressor, o negro tem que formular seus pensamentos de acordo com a burguesia colonial, tornando-se o intelectual colonizado. Fanon afirma que:

Isso pode ser constatado na inaptidão do intelectual colonizado para dialogar, pois ele não sabe fazer-se inessencial diante do objeto ou da ideia. Em contrapartida, quando milita no seio do povo, ele se encanta. [...]o intelectual colonizado, no início da sua coabitação com o povo, privilegia o detalhe e acaba esquecendo a derrota do colonialismo, o próprio objeto da luta (FANON, 1961, p.66).

O negro se perde de si mesmo e dos seus, querendo embranquecer-se. Como militar sem a verdade? Pois, a verdade sempre esteve apenas do lado dos colonizadores. Aquele que luta ainda estando alienado, tende a perde-se do objeto da luta – derrotar o colonialismo. A alienação, portanto, consiste na inconsciência de que o racismo possui mecanismos, consiste em não compreender o mundo como um mundo construído pelos europeus.

O intelectual colonizado, acredita que ser negro fora da África é desenvolver sua humanidade aproximando-se do branco. Com essa atitude, o negro se autodetermina que é o não ser, pois o ser é branco. Assume-se sendo o contrário da razão. A emoção torna-se a essência do negro<sup>11</sup>, dando vigor ao plano colonial de dominação.

Fanon separa os tipos de alienação de acordo com o grupo em que o negro se encontra especificamente. Para o preto intelectual, a alienação é de natureza quase que intelectual. Na medida em que concebe a cultura do branco como meio de se desligar de sua raça, é que ele é alienado. Para o preto que trabalha na plantação, o alienado é como vítima de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior. Por esse ponto de vista, a desalienação intelectual, tende a combater a cultura branca a partir de sua própria fundamentação, e a desalienação do regime de exploração, tende ao vitimismo, e não é o esse caminho que temos que seguir.

A alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, as ideias e as pessoas em putrefação. Ecreio que um homem

---

<sup>11</sup> Em um artigo célebre intitulado “o que o homem negro traz” (1939), Leopold Sedar Senghor afirma categoricamente que a **Emoção é Negra** e a **Razão é helênica**. Dito de outro modo, o Negro (ou a África) é **essencialmente** diferente do Branco (ou o Ocidente) na medida em que expressa uma relação muito mais íntima com a terra (natureza), o corpo (emoções, músculos e pulsões) e o lúdico (os ritmos, as cores e sabores). Ao citar o poeta André Gide em seu aforisma “a sabedoria não está na razão, mas sim no amor”, Senghor afirmará que o Branco, bem como o conjunto da civilização ocidental, estaria condenado a uma racionalidade fria e castradora por não disporem de uma “sensibilidade emotiva” própria dos Negros. (FAUSTINO, 2013, p.3)

que toma posição contra esta morte, é, em certo sentido, um revolucionário (FANON, 1952, p.186).

Já sabemos, o humanismo europeu se constrói a partir da desumanização do indígena, mas essa noção de humanidade e de civilização foi derrotada. Não sejamos ingênuos ao ponto de acreditar que os apelos aos acontecimentos do passado, possam mudar a nossa realidade. Fanon nos alerta que, é preciso que ocorra a desalienação da mente do negro, voltando sua atenção ao presente, as questões de seu tempo.

Desse modo, de acordo com Fanon (1952), para a desalienação, só há uma saída, a luta, o combate contra a exploração, contra a fome e a miséria. É preciso agora que o negro se liberte de seu próprio corpo colonizado, tornando-se verdadeiramente livre, conscientemente livre, exercendo seu direito de questionar e reivindicar. Ó negro, não ignore o preço da liberdade.

### 3.2 Processo de desalienação do negro

Lembremos, Fanon (1952) afirma, que o branco também é um alienado, preso em sua brancura, mas é ele o responsável por ela. Assim sendo, tendo ele todos os privilégios de seu sistema colonial, pouco importa a desalienação. O negro por sua vez, revolta-se por estar exposto a algo irracional e busca se defender, mostrar a todos que o branco está errado, ele não é uma criança para que o branco precise usar da mímica ou falar sussurrando.

“Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça” (FANON, 1952, p.110), iniciemos o processo de desalienação. Em busca da defesa, sonda as vizinhanças:

Através dos tempos, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; *in vivo e in vitro* o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurada a vitória em todas as frentes[...] No plano das ideias estávamos de acordo: o negro é um ser humano[...] Mas o branco, em determinadas questões, continuava irreduzível. Por nenhum preço ele queria intimidade entre as raças, pois é sabido que “os cruzamentos de raças diferentes rebaixam o nível psíquico e mental... Até que nós tenhamos um conhecimento mais bem fundamentado sobre os efeitos do cruzamento de raças, seria melhor evitá-lo entre raças muito distintas” (FANON, 1952, p.111).

Fanon afirma, nós (os pretos) somos atrasados, ingênuos, e a civilização branca negligencia a sensibilidade emotiva que somos. E diante disso, “é compreensível que eu tenha decidido dar meu grito negro” (FANON, 1952, p,113). O branco, baratinado teve a dolorosa impressão de que o oprimido lhe escapava, e que levava algo com ele. Quando quero ser tipicamente negro – isso não é mais possível, quando quero ser branco – é melhor rir, quando tento no plano das ideias e da atividade intelectual, reivindicar minha negritude, arrancam-na de mim. No processo de desalienação, o negro reivindicar a negritude doe, é necessário explodir para romper este círculo infernal.

Para Fanon, o negro não deve aceitar ser enquadrado, nem tão pouco submeter-se ao branco. Ele afirma, “o negro fica enclausurado no seu próprio corpo [...] o negro, mesmo sincero, é escravo do passado [...] diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a encaminhar” (FANON, 1952, p.186). Fanon deseja ajudar o negro a abandonar essas atitudes que nada tem de benéficas. Nisso consiste a desalienação:

“Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do Passado. Por outro lado, mais muitos outros pretos, a desalienação nascerá de recusa em aceitar a atualidade como definitiva” (FANON, 1952, p.187).

É dever o homem fazer trunfar a dignidade do espírito negando qualquer tentativa de opressão do seu semelhante. Para Fanon (1952), a desalienação exige uma certa revolução social. Sendo a violência parte do colonizado, ela estará presente necessariamente nessa revolução social como instrumento de libertação.

Se para mim, a um certo momento, colocou-se a necessidade de ser efetivamente solidário com determinado passado, fi-lo na medida em que me comprometi comigo mesmo e com o meu próximo em um combate com todo o meu ser, com toda minha força, para que nunca mais existam povos oprimidos na terra. Não é o mundo negro que dita minha conduta. Minha pele negra não é depositária de valores específicos. [...] Não tenho nem o direito nem o dever de exigir reparação para os meus ancestrais domesticados. Não existe missão negra. Não existe fardo branco. [...] Não, não tenho o direito de chegar e gritar meu ódio ao branco. Não tenho o dever de murmurar meu ressentimento ao branco. O que há é minha vida, presa na armadilha da existência. Há minha liberdade, que me devolve a mim próprio. [...] Se o branco contesta minha humanidade, eu mostrarei, fazendo pesar sobre sua vida todo o meu peso de homem, que não sou esse *y'a bon banania* que ele insiste em imaginar (FANON, 1952, p.189).

Por certo, Fanon afirma, “não há mundo branco, não há ética branca, nem inteligência branca” (FANON, 1952, p.189). Precisamos compreender as repartições sociais existentes na sociedade e desmascará-las livres da alienação. Não é na História que encontraremos o nosso destino. De acordo com Fanon (1952), o nosso único dever do homem preto, é nunca negar sua liberdade, não devemos dedicar nossa vida a fazer avaliações dos valores negros. Precisamos buscar a dimensão aberta da consciência. O autor descreve seu desejo:

Eu, homem de cor, só quero uma coisa: Que jamais instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre. [...] Todos os dois têm de se manifestar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. [...] Minha última prece: Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! (FANON, 1952, p.191).

Em suma, Fanon nos ensina que a “espécie” humana com o colonialismo, passa a ser uma construção social-histórica racial do negro e do branco, e assim, para o Negro universalizar-se como gênero humano, era necessário que ele perdesse ou abdique suas referenciais culturais. Mas, conforme Faustino (2013), por mais que o negro vista as “máscaras brancas” a ponto de esquecer completamente “quem é”, nunca será visto como igual ao branco, e seguirá esquizofrenicamente como “Outro” numa sociedade racializada.

### **3.3 Processo de descolonização do negro**

Para Fanon, “a descolonização é sempre um fenômeno violento” (FANON, 1961, p.51) e esse processo se inicia com um movimento de reivindicação mínima do colonizado. A descolonização é uma imagem muito clara: “a substituição de uma “espécie” de homens, por outra “espécie” de homens” (FANON, 1961, p.51). De certo, ele se refere a construção social-histórica racial do negro e do branco. A descolonização é a criação de homens novos, homens livres. Mas não é simples assim, não existe um tal programa que reorganize uma sociedade, é “o colonizado que decide fazer-se o seu motor, pois, desde sempre está preparado para a violência” (FANON, 1961, p.53).

A descolonização é o encontro de duas forças congenitalmente antagônicas, que têm precisamente a sua origem nessa espécie de substantificação que a situação colonial excreta e alimenta. O primeiro confronto dessas forças se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono – prosseguiu graças às baionetas e os canhões (FANON, 1961, p.52).

No período da descolonização, alguns intelectuais colonizados dialogavam com a burguesia colonialista, e estes burgueses procuravam ter contato com as elites. Conforme Fanon (1961), a burguesia decide fazer um combate de retaguarda no terreno da cultura, dos valores, das técnicas, pois, ela tem consciência de que não teria domínio sobre países coloniais. No entanto, para o povo colonizado, o valor essencial refere-se a terra, pois dela que devem garantir o pão e a dignidade, mas essa dignidade não se refere a dignidade humana, pois desta última, o colonizado nunca ouviu falar enquanto negro/escravo. O que ele viu e experimentou foram as pancadas para garantir o pão do colono, pancadas essas que nenhum moralista veio receber em seu lugar. Fanon (1961) afirma que para o colonizado, moralista é aquele que cala a arrogância do colono.

De acordo com Fanon, todo um universo moral e material desaba quando o colonizado afirma que é igual o colono. Ele descobre que sua pele não vale menos que a do colono, sua respiração, os batimentos do seu coração são os mesmos que a do colono, e isso abala toda a estrutura do mundo e toda a segurança nova e revolucionária do colonizado decorre daí. O olhar do colono não mais imobiliza o colonizado. Para identificar se a descolonização está acontecendo realmente, é só observar se está sendo exigido, no mínimo, que os últimos sejam os primeiros. Decidiam buscar sua liberdade, mas muitos empecilhos idealistas tinham que enfrentar.

Para Fanon, os intelectuais colonizados por exemplo, que tinha contato com a burguesia colonialista, trazia variantes para esse requerimento, ao ponto de se ouvir alguns colonizados dizerem: “então, não vale a pena ser independente...” alguns até mesmo aceitavam a justeza das ideias coloniais e as defendiam. Mas quando o colonizado retomava ao seu povo, essa falsa aceitação caía por terra, os valores que pareciam nobrecer sua existência, se mostravam frustráveis.

O intelectual colonizado aprendeu com os seus senhores que o indivíduo deve se afirmar. A burguesia colonialista martelara no espírito do colonizado a ideia de uma sociedade de indivíduos em que cada um se fecha na sua subjetividade, em que a riqueza é a do pensamento. Ora o colonizado que tiver a chance de se misturar ao povo durante a luta de libertação vai descobrir a falsidade dessa teoria. As formas de organização da luta já lhe propõem um vocabulário inabitual. O irmão, a irmã, o camarada são palavras proscritas pela burguesia colonialista, porque para ela meu irmão é a minha carteira, meu camarada é o meu "jeitinho". O intelectual colonizado assiste, numa espécie de auto-de-fé, à destruição de todos os seus ídolos: o egoísmo, a recriminação orgulhosa, a imbecilidade infantil daquele que quer sempre ter a última palavra. Esse intelectual colonizado, atomizado pela cultura colonialista, descobrirá também a consistência das assembleias de aldeias, a densidade das comissões do povo, a extraordinária fecundidade das reuniões de bairro e de célula. O problema de cada um não deixa mais, doravante, de ser o problema de todos, porque concretamente, todos serão descobertos pelos legionários, e logo massacrados, ou todos serão salvos. O "salve-se quem puder", essa forma ateia de salvação, nesse contexto, está proibido (FANON, 1961, p.64).

A burguesia colonialista apresenta uma situação para discutir a descolonização: a não-violência. De acordo com Fanon (1961), essa proposta diz as elites intelectuais e econômicas que estes burgueses estão do mesmo lado que elas, e que é preciso fazer urgentemente um acordo para a salvação comum, pois as massas dos colonizados gritavam por meio de incêndios e atentados. E essa noção de acordo foi muito importante na descolonização. Este acordo, buscava proteger o sistema colonial e a burguesia, quer dizer, não provocar tantos danos.

Neste processo, Fanon (1961) afirma que a maioria dos partidários nacionalistas se contentam em explicar essa "selvageria" das massas. Não reivindicavam a luta popular e em alguns momentos até condenavam esses atos – atitude clássica de intelectuais colonizados. Mas Fanon ressalta que esse ponto de vista dos intelectuais colonizados e dos partidários nacionalistas é pelo fato de estarem convencidos da insuficiência dos métodos violentos, isso porque eles têm em mente que toda tentativa de enfrentar o sistema colonial por meio da força é uma conduta suicida.

Por isso, quando os partidários nacionalistas decidem agir, tomam essa atitude pacificamente: interrompendo os trabalhos nas poucas indústrias implantadas nas cidades, fazendo manifestações para aclamar o líder, boicote dos ônibus ou das mercadorias importadas. Essas ações faziam pressão sobre o colonialismo e permitiam ao povo desreprimir-se. Para Fanon (1961), isso era

uma espécie de terapia do sono do povo colonizado, que até pode, algumas vezes, ter sucesso. Nesse momento, a burguesia colonialista é ajudada em sua tarefa de tranquilizar os colonizados por meio da religião, apresentando como exemplo, todos os santos que perdoaram as ofensas e ofereceram o outro lado da face.

De acordo com Fanon (1961), os escravos libertos por sua vez, elites dos países colonizados, quando estão à frente do movimento de libertação, utilizam a servidão de seus irmãos para envergonhar os escravagistas, mas nunca fazem apelo aos escravos realmente, não os mobilizam concretamente. Estes estão no meio de partidos políticos, são revolucionários que voltam as costas à farsa da independência nacional, no entanto, suas intervenções e iniciativas irrita a máquina do partido, e acabam sendo isolados, afastados, e então, esses indesejáveis acabam no campo. Então eles percebem que as massas camponesas compreendem as meia-palavras das suas declarações. As reivindicações dos colonizados começam a ganhar forma.

Nesse processo de libertação, os políticos nacionalistas tomam a palavra e fazem o povo sonhar, eles brincam com fogo. Conforme Fanon (1961), em comícios, os políticos convidam o povo para demonstrar seu poder e sua força e dizer que não quer utilizá-las, polícias em volta, demonstrações militares, prisões, tudo isso dá ao povo a impressão de que chegou a hora de fazer alguma coisa, aí os políticos aumentam seus apelos à calma. Mas o povo colonizado não teme mais nada, se põe em marcha também, para interromper o tempo morto pelo colonialismo. E a violência volta a ser meio de comunicação, entre colonizado e colonizador.

O povo colonizado não está sozinho. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras são permeáveis as notícias, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica, estoura aqui e ali, e, aqui e ali manda embora o regime colonial. Essa violência bem sucedida tem um papel não só informador, mas operatório, para o colonizado (FANON, 1961, p.88).

O povo colonizado começa a achar possível um Dein-Bien-Phu.<sup>12</sup> O colono percebe de certa forma que alguma coisa está mudando. Essa violência

---

<sup>12</sup> Diên Biên Phủ é uma cidade localizada no noroeste do Vietnã e capital da província do mesmo nome, conhecida na história por ser o local da mais famosa batalha na luta do povo vietnamita pela independência do colonialismo francês.

ambiente, a flor da pele, modifica tanto o colonizado como o colonizador que toma consciência disso. Conforme Fanon (1961), um medo vai se apoderando entre os políticos colonialistas, e o propósito passa a ser tomar a dianteira, voltar para eles o movimento de libertação desarmando o povo. “Vamos, descolonizemos depressa!”

Nesse momento, os massacres nas colônias indicam que entre opressores e oprimidos tudo se revolve pela força da violência. Fanon (1961) ressalta que essa insurreição armada não foi de todo modo desejada pelos partidários políticos, os acontecimentos os pegaram desprevenidos, com isso, os governos dos países colonialistas puderam prender os líderes nacionalistas.

Posteriormente, os governantes aprenderam o perigo de prender esses líderes, pois, sem o líder, o povo se lança a rebelião e aos “assassinatos brutais”, as massas obedecem a “seus instintos sanguíneos” e impõe ao colonialismo a libertação de seus líderes. Assim os governos colonialistas tem a pesada tarefa de reconduzi-los à calma, mas o povo colonizado quer investir sua violência na destruição do sistema colonial.

Com isso, os partidos são ultrapassados pelos seus militares, e a violência das massas não reprimem suas forças. De acordo com Fanon (1961), a burocracia dos líderes da libertação fica de lado, e os militares não se preocupam em manter a ordem ou propor a calma. Essa violência é a intuição que as massas coloniais tem de que sua libertação deve, e só pode ser feita, pela força.

Fanon propõe uma reflexão em torto dessa problemática da violência do povo colonizado. Como podem eles, homens sem técnica e famintos, esperar triunfar diante do militarismo? Dos governantes poderosos com suas armas de fogo potentes?

Se o militarismo alemão decide resolver os seus problemas de fronteira pela força, não nos surpreendemos, mas se o povo angolano, por exemplo, decide tomar as armas, se o povo argelino rejeita todo método de que não seja violento, é a prova de que algo aconteceu ou está acontecendo. Os homens colonizados, esses escravos dos tempos modernos, são impacientes (FANON, 1961, p.91).

Os colonizados percebem que o mundo moderno se estabeleceu por toda parte do mundo, e por um raciocínio... infantil, acreditam que todas as coisas lhe foram roubadas, e por isso, com o tempo passam a pensar que “não valia a pena” lutar pela independência se nada ia mudar de verdade. Mas ainda assim, a busca

pela liberdade era mais forte, e essa força vinha da violência enraizada neles. A partir daí, diz Fanon (1961), uma nova relação entre oprimido e opressor vai se estabelecendo no mundo. Os povos subdesenvolvidos rompem suas correntes com os colonizadores, e de certo modo, são bem sucedidos. Com toda essa movimentação, os colonizadores passaram a dizer que os colonizados estavam com pressa demais, Fanon nos lembra que, a pouco tempo atrás, afirmava-se a lentidão e preguiça dos escravos.

De acordo com o autor (1961) a atmosfera da violência da fase colonial, continua a dominar a vida nacional. E os países do Terceiro Mundo não está excluído dessa atmosfera, pelo contrário, são o centro dessa tormenta, pois os homens de Estados de países subdesenvolvidos ainda mantem o tom de agressividade que deveria ter desaparecido, e o cuidado nesse tom só existe para se referir aos antigos colonialistas. Fanon destaca que, esses antigos colonialistas vêm aos países subdesenvolvidos realizar suas pesquisas e observar os ex-colonizados. Entre os colonizados, há uma impressão de que essas pesquisas já estão redigidas.

O deslocamento do jornalista é uma justificação. As fotografias que ilustram o artigo dão a prova de que ele sabe do que está falando, de que ele estava lá. A pesquisa se propõe a verificar a evidencia: tudo vai mal depois que não estamos mais ali. Os jornalistas se queixavam muitas vezes de serem mal recebidos, de não trabalharem em boas condições, de encontrar um muro de indiferença ou de hostilidade. Tudo isso é normal. Os dirigentes nacionalistas sabem que a opinião internacional é formada unicamente pela imprensa ocidental. Ora, quando um jornalista ocidental nos interroga, é raramente para nos prestar serviço (FANON, 1961, p.95).

Fanon (1961) enfatiza que, no Terceiro Mundo, entre a violência colonial e a violência pacífica proposta pelos americanos dos Estados Unidos aos europeus, há uma certa homogeneidade, e os colonizados estão acostumados com essa atmosfera. Há uma surpresa entre eles se os colonizados, ao invés de surpreender suas mulheres com vestidos, darem a elas rádios transmissores. Mas, é que os colonizados estão convencidos de que seu destino se decide neste momento, e por isso, não deveria ser surpresa a compra do rádio, pois eles vivem numa atmosfera de fim de mundo, e não querem mais deixar nada passar.

Desse modo, o homem subdesenvolvido, o colonizado, são hoje animais políticos diz Fanon (1961). Para ele, certamente a independência deu a esses

homens a reparação moral e consagrou a sua dignidade. Mas ainda falta elaborar uma sociedade onde possam construir e afirmar seus valores. Enquanto isso, o colonizado sabe que seus encontros com o colono se desenrolam em campo fechado.

### **3.4 Descolonização como técnica de sobrevivência**

Fanon afirma, o militante é aquele que trabalha. Trabalha para a morte do colono. Essa violência assumida pelo militante o fazia voltar e reencontrar o seu lugar, reintegra-se. Desse modo, a violência é entendida como mediação real. Aqui, o homem colonizado se liberta pela e na violência.

A violência do regime colonial e a contraviolência do colonizado se equilibram e se respondem, numa homogeneidade recíproca extraordinária[...] O desenvolvimento da violência no seio do povo colonizado será proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado (FANON, 1961, p.107).

Não podemos esquecer que, quando os colonizados escolhem a contraviolência, as polícias provocam mecanicamente uma vingança contra as forças nacionais. Os colonos tratavam todos os indígenas como iguais, agora o colonizado afirma, todos os colonos são iguais. O colonizado por sua vez, assume a violência e todas as suas consequências.

O colonizado, quando o torturam, matam sua mulher ou a estropam, não vai se queixar a ninguém. O governo que oprime poderá nomear, todos os dias, comissões de investigação e de informação. Aos olhos do colonizado, essas comissões não existem[...] O trabalho do colono é tornar impossíveis até os sonhos de liberdade do colonizado. O trabalho do colonizado é imaginar todas as condições eventuais para aniquilar o colono (FANON, 1961, p.110).

Para Fanon (1961), a violência do colonizado unifica o povo. Isso significa que a mobilidade das massas, quando realizada para a luta pela libertação, introduz em cada consciência a noção de causa comum, de história coletiva. Ou seja, durante o período colonial, lutamos contra a opressão, depois da libertação nacional, o convite é lutar contra a miséria, a fome, o analfabetismo, o subdesenvolvimento. E o povo vê que a luta é interminável, pois, o que existe do sistema colonial, reforça as diferenças das tribos tradicionais. Mas o colonizado, ciente que o colonialismo destruiu as diferenças das tribos, utiliza a violência para livrar-se do complexo de inferioridade. O autor destaca que, "iluminada pela

violência, a consciência do povo se rebela contra toda pacificação” (FANON, 1961, p.112).

Em suma, ainda hoje somos convidados, por meio das obras de Fanon, a nos descolonizarmos. Tomando consciência do que foi o colonialismo, quais foram as consequências e como nasceu o racismo, descolonizaremos nossas mentes e orientaremos a sociedade onde vivemos a também passar por esse processo de conscientização. Nisso consiste a filosofia de Fanon, na descolonização do pensamento.

Uma vez tendo consciência de como a Europa “civilizou” o mundo, não mais a imitaremos. Deixemos para trás o que os europeus fizeram. E tendo consciência de tudo isso, não precisamos mais acusá-los, no entanto, digamos firmes que eles não devem mais continuar a fazer barulho.

## 4 CONCLUSÃO

Podemos observar que a continuidade de muitos aspectos do modo colonial de organizar a vida social nos dias atuais, justifica-se pela força hegemônica do mapa mental obsessivamente construído pelas mãos dos agentes do colonialismo, que continuam usando estratégias das teorias do sistema colonial que, ainda podem ter efeito para alguns grupos sociais se as massas continuarem como alienadas.

Sem dúvidas, Fanon é um dos intelectuais mais importantes do século XX, que atuou como psiquiatra, filósofo, cientista social e militante anti-colonial. A premissa que impulsionou este trabalho acolher como eixo, o pensamento de Fanon, foi o interesse pelo estudo a respeito da formação da sociedade onde, de acordo com a História, o negro não é incluso como criador, formador, professor, condutor, mestre, doutor.

Além disso, precisamos hoje promover reflexões que proporcionem o negro pensar em si mesmo como aquele que cria, inventa, descobre, e não mais só fazê-lo dirigir-se a Europa para “evoluir”. Fanon esclarece que, “... permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais” (FANON, 1952, p.28).

Como aponta Faustino (2015), as escolhas políticas, teóricas – e por vezes pessoais - de Fanon, apontam para um esforço em dimensionar a complexidade da existência humana, considerando as diversas expressões que essa existência assume no tempo e no espaço socialmente dado. Para Fanon (1952), o corpo é o homem, e o homem, seu corpo, entretanto, sempre o corpo negro é considerado pelas contrariedades coloniais, um ente coisificado, questionado se realmente um ser humano é. A exaltação dos valores europeus é sempre acompanhada pela negação das demais dimensões humanas, e hoje, essa exaltação ainda é latente e patente em nossa sociedade, ainda nos curvamos diante de uma bandeira estrangeira.

No entanto, o pensamento de Fanon, não se refere em gritar nosso ódio ao europeu, tão pouco entregar-se a murmuração, não temos esse direito. Para Fanon, não há uma missão restauradora negra. Nada irá redimir o que aconteceu com o povo preto. O que há é o corpo que luta pelo direito de viver, existir e

resistir. O que há, é a liberdade que devolve o preto a ele mesmo. Nisso consiste a descolonização como técnica de sobrevivência negra, não mais ser prisioneiro da História, mas conscientemente livre, esclarecidos que não somos escravos da escravidão que desumanizou nossos pais.

Portanto, é superando os dados históricos, instrumentais, e até mesmo sociais, que introduziremo-nos no ciclo da liberdade. Desse modo, este estudo propõe instigar em nossas mentes a constante busca pela desalienação, para que não mais um instrumento domine o homem, e que haja uma autentica comunicação entre os homens em prol da total descolonização da mente e da liberdade.

Em síntese, deixamos como estímulo a prece de Fanon: “ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” (FANON, 1952, p.191), que é hoje, mais que nunca, o grito que os homens precisam ouvir e conhecer, principalmente o povo preto.

## REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. ***Crítica da razão negra***. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FANON, Frantz. ***Pele negra, Máscaras brancas***. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. ***Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro***. 1 ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FANON, Frantz. ***Os condenados da terra***. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

CORREIA, Pedro Pezarat. ***Uma perspectiva sobre a descolonização***. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra- Portugal, nº 15/16/17, p.549-558, maio de 1985.

QUIJANO, Anibal. ***Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina***. Ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p.117-142, 2005.

SILVA, Rosemere Ferreira. ***A influência do pensamento de Frantz Fanon na produção intelectual negra feminina***. Revista Entrelinhas, Araguaína, V.11, nº2, p.122-150, maio, 2020.

CÉSAIRE, Aimé. ***Discurso sobre o colonialismo***. Tradução Noémia de Sousa, 1 ed. Portugal: Livraria Sá da Costa, 1978.

MENESES, Maria Paula. **Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique**. Revista Crítica de Ciências Sociais, p.115-140, novembro de 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 12 – Presença Africana no Brasil: conhecimento tecnológico, linguagem, educação e interação social. 17 de outubro de 2013.

FILHO, Francisco de Assis Veloso. **A expansão europeia dos séculos XV e XVI: contribuições para uma nova descrição geral da terra**. Revista Equador (UFPI), Vol.1, nº 1, p. 04-25, junho/dezembro, 2012.

FANON, Frantz. **Em defesa da Revolução Africana**. 1 ed. portuguesa. Tradução: Isabel Pascoal. Portugal: Livraria Sá da Costa, 1980.

MENESES, Maria Paula. **Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], Número especial | 2018, posto online no dia 05 novembro 2018, consultado o 10 dezembro 2020. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/7741>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.7741>. Acesso em 10/07/2020.